



EDITORIAL

O CANTO QUE NASCE DA FÉ E SERVE AO MISTÉRIO

Vivemos um tempo em que a pressa e o barulho ameaçam o espaço da escuta e da contemplação. Por isso, nesta edição da Revista A Caminho de Emaús, somos convidados a redescobrir o valor do canto litúrgico como expressão da fé, da comunhão e da beleza que brota do Evangelho. Quando a comunidade canta, ela não apenas celebra: ela reza, anuncia e se reconhece como povo de Deus a caminho.

Há uma música que brota do coração de Deus e ressoa no coração do homem. É o som do Espírito que, desde a criação, paira sobre as águas e transforma o caos em harmonia. A liturgia é a continuidade dessa melodia divina, onde cada gesto, cada palavra e cada silêncio se unem para formar o louvor da Igreja. Quando cantamos juntos, é o próprio Corpo de Cristo que respira. A música, então, deixa de ser um acessório e se torna sacramento sonoro: presença que comunica a fé, voz que traduz o invisível, espaço onde o mistério se faz audível.

Na celebração, o canto não é um enfeite do rito, mas parte dele. Ele conduz a assembleia, ajuda a rezar, educa para o mistério e transforma o simples em sagrado. Por isso, a música litúrgica deve nascer do coração orante da comunidade, não do desejo de agradar. A arte que serve à liturgia precisa despojar-se de si mesma, para que o povo possa contemplar, por meio dela, o rosto de Deus. Cantar, na fé, é prolongar o Verbo feito carne, é deixar que a Palavra continue se encarnando na vibração das vozes humanas.

A Irmã Miria T. Kolling, com sua profunda intuição espiritual, dizia que “na liturgia, o canto não se canta, celebra-se”. E, de fato, a música litúrgica só alcança sua verdade quando se põe a serviço. Não se trata de cantar na missa, mas de cantar a missa. Essa pequena diferença revela uma compreensão teológica decisiva: o canto não vem de fora para embelezar o rito, ele brota do próprio coração da celebração, como expressão da fé e da comunhão. Quando o canto se isola, transforma-se em espetáculo; quando se integra, torna-se oração.



O músico litúrgico, por isso, é antes de tudo um ministro. Ele não se apresenta diante da assembleia, mas caminha com ela. Empresta sua voz para que o povo reze melhor, oferece sua sensibilidade para que o mistério se torne mais acessível, serve com humildade para que o centro permaneça onde deve estar: em Cristo, presente na Palavra e na Eucaristia. A missão de quem canta não é ocupar o espaço da assembleia, mas ajudá-la a se reconhecer como sujeito celebrante. E quando toda a comunidade canta, realiza-se a profecia: o céu se une à terra e os anjos se associam ao canto humano.

A música litúrgica é também escola espiritual. Ensina-nos a viver o tempo, a reconhecer a presença de Deus nos ritmos da vida, a esperar e a celebrar. O Advento pede cânticos de sobriedade e esperança; o Natal, de ternura e gratidão; a Quaresma, de silêncio e conversão; a Páscoa, de júbilo e luz. Cada tempo possui sua cor sonora e seu perfume espiritual. Cantar bem é, portanto, discernir o tempo de Deus — é entrar em sintonia com o mistério pascal que se renova em cada celebração. Quando a música respeita o tempo litúrgico, o povo aprende a viver segundo o ritmo do Evangelho. Mas não basta cantar: é preciso compreender o que se canta. Cada letra é palavra proclamada, cada melodia é teologia em som. O canto litúrgico deve estar enraizado na Palavra de Deus e em comunhão com os gestos do rito. Ele proclama



o salmo, aclama o Evangelho, expressa o ofertório, conduz à comunhão. É a voz da Igreja que responde ao chamado de Deus. Quando a assembleia canta com consciência e fé, a liturgia deixa de ser rito isolado e se torna experiência transformadora. O canto abre o coração, e o coração abre o céu. Por isso, a formação dos ministros da música é um dever pastoral. Não se trata de profissionalizar o canto, mas de espiritualizá-lo. A Igreja precisa formar músicos que sejam discípulos antes de serem artistas. Que saibam escutar antes de tocar, rezar antes de cantar, servir antes de aparecer. A música litúrgica nasce do encontro com o Ressuscitado, e só quem O encontra pode conduzir outros à experiência viva da fé. O músico litúrgico é chamado a ser, como Maria, aquele que oferece a voz para que o Verbo se torne audível no meio do povo.

A beleza do canto, quando é verdadeira, tem algo de eucarístico. Assim como o pão e o vinho se transformam em Corpo e Sangue, a música, quando nasce da fé, transforma o tempo em eternidade e o som em presença. Ela congrega, reconcilia, cura, une. No canto litúrgico, a comunidade descobre que a fé não é uma ideia, mas um som que vibra

dentro de nós. O canto é comunhão feita melodia, é o povo que se faz corpo, é a voz que se torna sacramento. Quando se canta bem, canta-se com o coração de toda a Igreja.

É por isso que a liturgia precisa de cantos que nasçam da oração e retornem a ela. Cantos que não distraiam, mas conduzam; que não encantem apenas os ouvidos, mas despertem o espírito. A música litúrgica é linguagem do mistério, ponte entre o humano e o divino, memória e profecia. Ela faz a Igreja lembrar que a fé se aprende também cantando. O canto molda a alma, educa o coração e ajuda a transformar a vida em celebração.

Cantar na liturgia é, enfim, participar do mesmo dinamismo eucarístico de Cristo, que se oferece e se doa. O canto que nasce da fé torna-se dom; e o dom, oferecido, torna-se comunhão. Quem canta com verdade, adora; quem escuta com fé, participa; quem serve com amor, celebra. No fim, o que permanece não é a melodia, mas o Mistério que ela revelou. E quando o último acorde se extingue, fica a certeza de que o louvor não terminou: ele continua na vida. Porque toda liturgia autêntica prolonga-se em missão, e todo canto verdadeiro, quando silencia, se transforma em gesto.

Que também nós, como comunidade paroquial, saibamos transformar cada canto em oração, cada celebração em encontro e cada nota em gesto de amor. Assim, o que cantamos dentro do templo continuará ecoando fora dele, tornando a vida cotidiana uma extensão da liturgia e a fé um cântico de comunhão e esperança.

Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS
Pároco



FESTIVAL DA ALEGRIA CELEBRA O DIA DAS CRIANÇAS COM FÉ, TERNURA E COMUNHÃO

O pátio da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, junto à acolhedora Tenda das Padroeiras, foi tomado por cores, sorrisos e muita alegria no dia 4 de outubro de 2025. A Pastoral da Catequese preparou com zelo e criatividade o 1º Festival da Alegria, Diversão e Sorvete, um encontro pensado para celebrar o Dia das Crianças e fortalecer os laços de fé e convivência familiar na comunidade paroquial.

Mais do que uma simples confraternização, o festival foi um verdadeiro momento celebrativo, expressão viva de uma Igreja que educa pela ternura e evangeliza pela convivência. O objetivo era claro: reunir famílias, catequistas e catequizandos num ambiente de fé, simplicidade e alegria, promovendo experiências que unissem espiritualidade e ludicidade. E assim aconteceu. Desde cedo, o espaço se encheu de crianças brincando, pais participando e catequistas animados, todos respirando o mesmo clima de gratidão e comunhão.

O evento reuniu cerca de seiscentas pessoas, entre crianças, jovens e adultos. A programação, preparada com carinho, foi marcada por criatividade e diversidade. Houve corrida de saco, dança da cadeira, amarelinha com temática religiosa, cabo de guerra, pular corda, queimada, pinturinhas e banho de mangueira. As brincadeiras simples, que despertam memórias afetivas e fortalecem vínculos, fizeram das crianças as protagonistas de um dia especial, e dos adultos, companheiros alegres que voltaram a brincar e sorrir como nos tempos da infância.

A parte artística encantou a todos. O grupo “Caminhão e Fusquinha” apresentou uma peça que contou a história de Nossa Senhora Aparecida, despertando fé e emoção nas famílias. O Coral Kids também participou com entusiasmo, levando ao público cantos que uniram a mensagem do Evangelho à doçura das vozes infantis. O karaokê, conduzido por Caíke, animou o público e criou momentos espontâneos de descontração e alegria compartilhada.

Enquanto isso, os aromas doces invadiam o ar. Pipoca, algodão doce e sorvete foram distribuídos durante todo o festival, transformando o pátio num verdadeiro cenário de festa familiar. As mesas ornamentadas e o cuidado com os detalhes mostravam o amor colocado em cada gesto. Havia beleza em tudo: nas cores, nas risadas, nas mãos que serviam, nas famílias que se encontravam.

A presença do Padre Rubens e do Padre Eriberto deu ao encontro um toque de bênção e proximidade. Ambos acompanharam as famílias com ternura e alegria, demonstrando a importância da presença pastoral junto às crianças e catequistas. O olhar atento dos padres e as palavras de incentivo ajudaram a transformar a tarde em um verdadeiro ato de fé comunitária, onde a simplicidade se fez evangelização.

O sucesso do festival foi fruto da dedicação da Pastoral da Catequese e da colaboração generosa de tantas pessoas: catequistas, pais, funcionários, jovens, equipes de liturgia e voluntários de outras pastorais. Cada um contribuiu de forma única — seja na organização, na animação, na





decoração ou no acolhimento — e o resultado foi um belo testemunho de unidade e partilha.

Mais do que um evento recreativo, o Festival da Alegria tornou-se símbolo de uma comunidade viva e comprometida com a missão de evangelizar também pela convivência e pelo afeto. Em tempos em que tantas crianças vivem entre telas e silêncios, o encontro trouxe o barulho bom da vida: o som das gargalhadas, o grito da brincadeira, a música que celebra a fé e o calor humano que reacende a esperança.

Ao final da tarde, já sob o cair do sol, o pátio conservava um clima de serenidade e gratidão. Era possível perceber nos olhares o brilho de quem havia vivido algo belo e verdadeiro. O festival terminou, mas o que ficou foi o sentimento de que a paróquia é, de fato, uma grande família, que caminha unida, se alegra nas pequenas coisas e faz da fé uma festa permanente.

Que Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, padroeiras tão amadas, continuem abençoando nossas crianças, nossos catequistas e todas as famílias que tornam a vida paroquial um reflexo do amor de Deus. E que, inspirados pela alegria desse dia, possamos continuar construindo juntos uma comunidade que educa, acolhe e celebra — com fé, ternura e esperança.



A COMUNIDADE CELEBRA A INVESTIDURA DOS NOVOS MINISTROS DA SAGRADA COMUNHÃO

A comunidade paroquial de Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges viveu, no dia 8 de outubro de 2025, um momento de grande graça e comunhão. Na noite dedicada aos Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão, dentro da novena em louvor às padroeiras, foram investidos dezenove novos ministros que assumiram o compromisso de servir ao altar do Senhor e de levar a Eucaristia aos irmãos e irmãs mais necessitados da presença consoladora de Cristo.



A formação que antecedeu a investidura havia sido noticiada na edição anterior da Revista A Caminho de Emaús, destacando o trabalho conjunto realizado entre as paróquias Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges e Nossa Senhora das Graças. Ao longo de encontros marcados pela oração, pelo estudo e pela convivência fraterna, os participantes foram introduzidos na riqueza teológica e espiritual do ministério eucarístico. Aprenderam que o serviço ao altar não é apenas uma função litúrgica, mas um ato de amor que nasce da fé e se prolonga na vida, um chamado a fazer da própria existência um gesto de entrega e adoração.

A investidura, celebrada em meio à novena, conferiu ao rito um significado ainda mais profundo. Aqueles que passariam a servir à mesa eucarística foram, ao mesmo tempo, testemunhas e protagonistas de uma liturgia que une fé, comunhão e missão. Em cada gesto de reverência, em cada olhar de gratidão, a comunidade reconheceu o rosto de uma Igreja viva, formada por homens e mulheres que respondem ao chamado de Deus com humildade e alegria.

O Ministério Extraordinário da Sagrada Comunhão ocupa um lugar precioso na vida eclesial. O ministro é chamado a auxiliar o sacerdote na distribuição da Eucaristia e a levar o Corpo de Cristo aos enfermos e ausentes. Mas o seu papel vai além do serviço litúrgico. É presença orante, testemunho silencioso da ternura de Deus e sinal da Igreja que se faz próxima dos que sofrem. Cada ministro é enviado a ser reflexo do amor que nasce do altar e se expande em direção às



casas, aos hospitais e aos corações feridos.

O sentido mais profundo desse ministério está contido na verdade que ilumina toda a missão da Igreja. Servir ao Senhor na Eucaristia é levar Cristo ao coração do mundo. Este é o centro da vocação eucarística de quem serve. É do altar que brota a força para o serviço, é da comunhão que nasce a compaixão, é da presença real de Cristo que surge o desejo de tornar-se também presença viva para os outros.

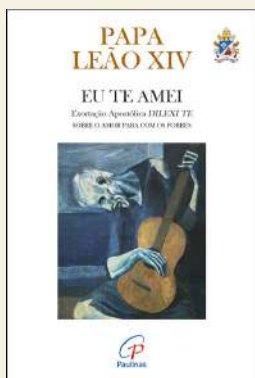
Assim, o Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão é chamado a ser um prolongamento do gesto de Cristo. Quando distribui o Pão consagrado, ele anuncia o mistério de um Deus que se faz alimento e esperança. Quando visita um enfermo, torna-se portador de consolo e paz. Quando participa da vida comunitária com disponibilidade e oração, ajuda a manter viva a chama da fé. Sua vocação é eucarística porque é oblativa. Ele oferece, no silêncio de cada serviço, a própria vida como dom de amor.

A comunidade paroquial vê nesse ministério um reflexo da própria vocação do povo de Deus, ser presença de Cristo no mundo e testemunhar a alegria de quem crê. A investidura dos novos ministros, vivida no contexto festivo das padroeiras, foi também um sinal de renovação para toda a paróquia. Revelou a maturidade de uma comunidade que cresce na corresponsabilidade e na consciência de que todos os batizados são chamados a servir.

Mais que um rito, o dia 8 de outubro foi uma celebração da fé vivida e partilhada, um anúncio silencioso, porém eloquente, de que a Eucaristia é o coração da igreja e a fonte da sua missão. E, a partir deste altar, onde Cristo continua a se oferecer por amor, a comunidade segue o seu caminho, levando o Cristo vivo aos corações, às famílias e aos que esperam, em cada esquina da vida, o consolo do amor de Deus.



“EU TE AMEI”, O CORAÇÃO DE CRISTO PULSA NO AMOR PELOS POBRES



A Exortação Apostólica *Dilexi Te*, do Papa Leão XIV, é uma das mais belas expressões do Evangelho vivido como amor concreto. Inspirada nas palavras do Apocalipse — “Tens pouca força, mas Eu te amei” —, ela prolonga o sopro espiritual do Papa Francisco e o transforma em um testamento de ternura e fidelidade para toda a Igreja. Nela, o Papa Leão XIV recorda

que o amor não é sentimento, mas compromisso que se faz presença, escuta e serviço. Cada cristão é chamado a olhar o mundo com os olhos de Cristo e a reconhecer, no rosto dos pobres, a presença viva do Senhor que continua a dizer: “Eu te amei.”

O documento é, ao mesmo tempo, gesto de continuidade e de profecia. Ao assumir o texto que o Papa Francisco preparava nos últimos meses de vida, Leão XIV quis dar-lhe nova vida, convidando a Igreja a mergulhar na compaixão de Deus. A *Dilexi Te* é um cântico à misericórdia divina, um chamado à conversão pastoral e um convite a tocar a carne sofredora de Cristo nos últimos da terra. O Papa reafirma que o amor cristão só é verdadeiro quando se torna presença e partilha. Amar os pobres é amar o próprio Cristo, e é nessa reciprocidade entre fé e caridade que se manifesta o coração pulsante do Evangelho.

A Exortação percorre as páginas luminosas da Escritura e redescobre nelas o fio da história da salvação. O clamor do povo ouvido por Deus junto à sarça ardente, o cântico de

Maria que exalta os humildes, as bem-aventuranças que proclamam felizes os pobres: tudo converge para um mesmo centro, o amor que se inclina. A pobreza não é um conceito, é um rosto. É ali, na fragilidade, que Deus se revela. E é ali que a Igreja é chamada a permanecer. Como o bom samaritano, a comunidade cristã deve curvar-se sobre as feridas do mundo e derramar nelas o óleo da compaixão.

Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, esse amor ganha forma em inúmeras expressões de serviço e solidariedade que iluminam o cotidiano da comunidade. A ação pastoral e social estende-se a todos os que necessitam, por meio de obras que revelam o rosto materno da Igreja e fazem do Evangelho uma presença que toca. O Projeto Banho Solidário devolve dignidade aos irmãos em situação de rua; o Projeto Menino Jesus desperta esperança nas crianças vulneráveis; a Pastoral de Rua leva alimento, escuta e consolo aos que vivem sem abrigo; a Conferência Vicentina Santa Edwiges visita os lares, partilha o pão e a palavra de fé; o Projeto Dom de Amar transforma o verbo amar em gesto, conjugando-o com as mãos e com o coração. A paróquia promove ainda a Semana da Caridade, o Natal Solidário e a Campanha do Agasalho, iniciativas que se unem ao cuidado com famílias assistidas, enfermos, idosos e crianças. Em cada gesto, pulsa o mesmo Evangelho que inspira a Exortação, traduzido em serviço, ternura e compaixão. A Associação Polivalente São José, com o seu Centro Social São José e o Centro Social Santa Edwiges, é o coração organizador dessa presença evangélica no território paroquial. Nascida do espírito solidário da comunidade, a Associação articula projetos educativos, formativos e assistenciais que unem fé e transformação social. Ali se realiza o encontro





entre o Evangelho e a vida concreta das pessoas. São oferecidos cursos de capacitação, oficinas de artesanato, acompanhamento familiar e ações que integram crianças, jovens e idosos, promovendo dignidade e cidadania. É também por meio da Associação que a comunidade se mobiliza em campanhas emergenciais, atendimentos sociais e iniciativas de partilha. Tudo nasce da convicção de que a fé, quando autêntica, se traduz em compromisso, e que a caridade, quando verdadeira, gera esperança e renova a vida.

O que o Papa Leão XIV propõe em *Dilexi Te* — que a Igreja seja pobre e para os pobres, que o amor se torne

critério de missão e que o rosto de Cristo se revele nos que sofrem — encontra, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, um terreno fecundo. O que o Papa anuncia em forma de exortação, a comunidade busca traduzir em forma de vida. Enquanto a *Dilexi Te* convida cada cristão a transformar a fé em gesto e o Evangelho em proximidade, a paróquia procura responder com iniciativas que unem oração e ação, contemplação e serviço. O Papa fala de uma Igreja que caminha com os pobres; a paróquia deseja caminhar com eles. O Papa recorda que o amor é mais forte que a indiferença; a comunidade procura viver esse amor na presença, no cuidado e na perseverança. Assim, o que o Papa propõe como horizonte espiritual vai tomando corpo aqui, entre nós, como expressão simples e concreta da fé que se faz vida.

O Papa Leão XIV encerra a Exortação recordando o gesto da mulher que ungiu a cabeça de Jesus com perfume. Pequeno gesto, mas eterno. “Nenhuma expressão de carinho será esquecida”, escreve o Papa. Cada gesto de amor é lembrado no coração de Deus, e é isso que dá sentido à missão da Igreja. Assim também é na vida da comunidade paroquial: cada ação de cuidado, cada mão estendida, cada visita silenciosa, cada oração feita em favor dos pobres é um perfume derramado aos pés de Cristo.

A *Dilexi Te* é mais que um documento pontifício: é uma luz que acende os corações e renova as esperanças. Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, essa luz encontra eco no compromisso de tantas pessoas que servem, doam, rezam e acreditam que o amor é a força que transforma o mundo. É uma Exortação que se torna vida, palavra que se faz carne, Evangelho que se faz gesto. E em cada gesto ressoa, como um refrão eterno, a promessa que sustenta a fé: “Tens pouca força, mas Eu te amei.”



PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA E SANTA EDWIGES RECORDA O NASCIMENTO DE SÃO GASPAR BERTONI

No coração de Verona, cidade que respira arte, fé e história, nasceu em 9 de outubro de 1777 aquele que mais tarde seria conhecido como o Servo Fiel da Cruz, São Gaspar Bertoni. Verona, cercada por colinas e cortada pelo Rio Adige, vivia tempos de efervescência política e espiritual. Ali, em meio às tensões do fim do século XVIII, nascia uma criança chamada a ser testemunha de esperança, fundador de uma nova família religiosa e semeador de uma espiritualidade marcada pelo dom e pela entrega.

Gaspar era filho de Francesco Bertoni e Brunora Ravelli, casal de sólida formação cristã. O matrimônio, porém, não foi isento de dificuldades e acabou levando à separação. Desde então, coube a sua mãe a tarefa de educar o filho, sustentando-o com sua fé, sua fortaleza e sua ternura materna. Foi dela que Gaspar recebeu o amor à Virgem Maria, a confiança total na Providência Divina e o exemplo de vida piedosa. A presença dessa mãe fiel marcou indelevelmente o caráter e a espiritualidade do futuro fundador, fazendo de sua casa o primeiro santuário onde ele aprendeu que a santidade floresce na humildade e na fidelidade às pequenas coisas.



Ainda jovem, revelou uma inteligência viva e um coração compassivo. Estudou no Colégio dos Jesuítas e, já naquela época, deixava transparecer uma vocação singular: servir a Deus nos irmãos, especialmente nos mais pobres e desamparados. Ingressou no seminário de Verona em 1796, quando a Itália era sacudida pelas guerras napoleônicas e por um clima de instabilidade moral. Foi nesse contexto que

amadureceu sua decisão de pertencer totalmente a Cristo. Ordenado sacerdote em 20 de setembro de 1800, Gaspar Bertoni iniciou seu ministério em uma Verona marcada pela pobreza e pelo desalento. Sua palavra era de consolo e esperança. Tornou-se guia de jovens, pregador incansável e confessor sábio. Fundou uma escola gratuita para crianças e adolescentes pobres, abriu espaço para a formação de seminaristas e acompanhou com delicadeza muitos eclesiásticos em tempos de crise.

Com o passar dos anos, destacou-se nas missões populares, forma de evangelização muito presente na Itália do século XIX, realizada sobretudo nas igrejas paroquiais, com longas pregações, confissões e momentos de penitência. Essas missões tinham o objetivo de reavivar a fé do povo e restaurar o vigor espiritual das comunidades. O bispo de Verona reconheceu em Padre Bertoni um pregador de profunda vida interior e o chamou a dirigir diversas dessas missões em sua diocese, entre elas as da paróquia de São Firmo. Em 20 de dezembro de 1817, a Santa Sé concedeu-lhe o título honorífico de missionário apostólico, sinal da confiança da Igreja em seu zelo e discernimento.

A espiritualidade de São Gaspar Bertoni foi marcada pela devoção aos Santos Esposos Maria e José, que ele contemplava como modelo da vida oculta em Deus, da obediência silenciosa e da total confiança na Providência. Neles encontrava o espelho da fidelidade que desejava viver: uma fé operante e discreta, feita de serviço, sacrifício e abandono à vontade divina. Essa inspiração familiar moldou também





o espírito de sua futura Congregação, chamada a servir com humildade e disponibilidade, como Maria e José serviram ao mistério da Encarnação.

Inspirado pela figura de Jesus Crucificado e pela entrega total de Maria e José, fundou em 4 de novembro de 1816 a Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso

Senhor Jesus Cristo, os Estigmatinos. Seu sonho era formar sacerdotes livres de todo interesse pessoal, prontos para qualquer missão que a Igreja lhes confiasse, movidos apenas pelo amor ao Crucificado. Essa disponibilidade interior tornou-se o selo espiritual da Congregação e a marca de seu fundador.

A vida de São Gaspar foi também marcada pela cruz. Durante décadas suportou enfermidades graves, limitações físicas e longos períodos de dor. Transformou o sofrimento

em escola de amor e abandono. Seu quarto simples, na Casa dos Estigmas, local da nascente congregação, tornou-se um altar de oferta silenciosa. Foi ali que o santo amadureceu no mistério da cruz, unindo-se de modo íntimo a Cristo sofredor e redentor.

Consumada sua missão, São Gaspar Bertoni partiu para a Casa do Pai em 12 de junho de 1853. A Igreja reconheceu em sua vida o perfume da santidade e o brilho de um coração totalmente entregue ao projeto do Reino de Deus. O Papa Paulo VI o beatificou em 1º de novembro de 1975, e o Papa João Paulo II o canonizou no mesmo dia, catorze anos depois, em 1989. Sua figura permanece como farol que ilumina o caminho de todos os que desejam viver a fé com generosidade e coragem.

Ao recordar os 248 anos de seu nascimento, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges une-se espiritualmente à grande família estigmatina espalhada pelo mundo para agradecer a Deus pelo dom desse homem que fez da cruz um sinal de amor e da obediência um hino de liberdade. Que São Gaspar Bertoni continue a inspirar em cada um de nós o ardor missionário, a fidelidade ao Evangelho e a confiança serena na Divina Providência.

CATEQUESE E LITURGIA, CAMINHOS QUE SE ENCONTRAM

O Auditório Mãe da Igreja, na Cidade da Comunhão, em Goiânia, acolheu no dia 11 de outubro um numeroso grupo de catequistas vindos de toda a Arquidiocese de Goiânia. Foi uma tarde fecunda, feita de escuta, estudo e oração, em que cada participante pôde experimentar a alegria de aprender e de caminhar em comunidade.

Os catequistas da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, representada com número significativo, participaram com atenção e espírito de comunhão, levando consigo o desejo de compreender mais profundamente a missão que a Igreja lhes confia. A formação, conduzida pelo padre Marcos Flávio, presbítero da Diocese de Luziânia, teve como tema Catequese e Liturgia e ajudou a reencontrar o coração espiritual da evangelização.

Desde o início, a reflexão revelou uma verdade essencial. A catequese não é apenas preparação para os sacramentos, mas um caminho de iniciação à vida cristã, um itinerário que conduz à comunhão com Cristo. O Diretório para a Catequese, ao falar do ministério catequético, recorda que a missão do catequista é introduzir o discípulo no mistério de Jesus, ajudando-o a compreender que o Evangelho é uma experiência que transforma a vida.

A liturgia, conforme ensina o Catecismo da Igreja Católica, é o ponto mais alto da ação salvífica de Deus e o espaço onde a fé se torna visível. A palavra proclamada, os gestos e os símbolos não apenas expressam a fé, mas a geram

e a alimentam. Quando catequese e liturgia se reencontram, nasce uma experiência integral da fé, capaz de unir o compreender ao viver, o saber ao celebrar, o ensino ao testemunho.

O Padre Marcos convidou os participantes a redescobrir a catequese mistagógica, que introduz o fiel no mistério celebrado. Lembrou que o rito não é um gesto vazio, mas uma linguagem viva pela qual Deus se comunica com o seu povo. “O rito transforma o coração e educa o olhar”, dizia ele. É na celebração que a fé amadurece, pois nela o encontro com o Ressuscitado se torna experiência sensível e transformadora.

Durante a tarde de formação, uma frase ressoava como síntese e inspiração para a missão dos catequistas. “Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova e proclama a salvação” (Is 52,7). A





beleza desse anúncio não está na voz nem nas palavras, mas na fidelidade do coração que transmite o que vive. Ser catequista é carregar nos próprios passos a esperança de Deus. Essa mesma esperança animou o magistério do Papa Francisco, cuja memória continua a inspirar a Igreja a renovar seus métodos e linguagens sem perder o essencial da fé. Ele lembrava que toda pastoral precisa de uma conversão missionária, em que o cristão deixe de ser apenas receptor da fé e se torne testemunha. Esse espírito de renovação também se fez presente no encontro, convidando cada catequista a reencontrar o frescor da alegria de anunciar.

O encontro contou ainda com a palavra encorajadora de Dom Danival Milagres, bispo auxiliar de Goiânia, e com as orientações do padre Maximiliano Costa, Vigário Episcopal para a Evangelização, que apresentou projetos de formação e aprofundamento para os próximos anos.

Os catequistas da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges retornaram fortalecidos e trouxeram no coração o propósito de continuar crescendo na arte de educar para a fé, de viver o que ensinam e de ensinar o que celebram. A catequese, quando brota da liturgia, se torna fonte de comunhão e de vida. É o espaço onde o símbolo fala, o gesto evangeliza e o coração aprende a escutar.

Contudo, este encontro também deixou desafios concretos para a nossa catequese paroquial. É preciso formar catequistas que compreendam a liturgia como linguagem da fé e saibam conduzir as crianças, jovens e adultos à experiência do Mistério celebrado. É necessário rever métodos, tornar os encontros mais orantes e menos expositivos, aproximar a catequese da vida comunitária e da celebração dominical.

Outro desafio é cultivar a perseverança na formação permanente dos catequistas, oferecendo espaços de estudo e partilha que alimentem a espiritualidade e renovem a motivação. Catequese não é tarefa, é vocação. E vocação se alimenta da fé celebrada, da Palavra meditada e da vida partilhada. Que a experiência deste encontro inspire novos caminhos para a nossa paróquia. Que cada catequista continue sendo mensageiro de paz, anunciando com o testemunho de sua vida a alegria do Evangelho e a presença do Ressuscitado que caminha conosco.



SOB O OLHAR MATERNO DE NOSSA SENHORA APARECIDA E SANTA EDWIGES

A festa em louvor a Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges voltou a iluminar o coração do Setor Nova Suíça. Durante dezesseis dias, a paróquia se transformou em um grande espaço de oração, convivência e fé. Cada noite foi um gesto de esperança, cada celebração um reflexo da presença amorosa de Deus que caminha com seu povo.

O tema deste ano — Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, sinais de esperança para o nosso tempo — guiou o percurso espiritual da comunidade e ofereceu à paróquia um itinerário de fé, serviço e comunhão. Em um mundo ferido por incertezas, a festa se fez testemunho da esperança que não decepciona, porque está enraizada no amor de Deus derramado em nossos corações.

Sob o olhar materno de Maria, Rainha e Padroeira do Brasil, e o exemplo de Santa Edwiges, amiga dos pobres e intercessora dos endividados, a comunidade celebrou a vida e renovou o coração. As duas santas caminham juntas no imaginário da paróquia, lembrando que a esperança cristã é mais do que um sentimento. É certeza da presença fiel de Deus, que transforma lágrimas em confiança e desafios em caminhos de luz.



A programação da festa percorreu um verdadeiro itinerário de fé e comunhão. A Pastoral da Acolhida e a Pastoral da Comunicação abriram o primeiro dia com gestos fraternos e sorrisos acolhedores, lembrando que a esperança começa quando alguém se sente amado e pertencente. A Pastoral da Liturgia, no segundo dia, ajudou a comunidade a rezar com o coração e a descobrir, no silêncio e na beleza dos símbolos, a presença viva de Deus no meio de nós.

A Associação Polivalente São José testemunhou, no terceiro dia, que a caridade é o rosto mais visível da esperança, devolvendo dignidade e sentido à vida dos mais pobres. No quarto dia, a Pastoral do Empreendedor e a Pastoral do Dízimo recordaram que fé e responsabilidade caminham juntas, e que a generosidade é um gesto de confiança em Deus que sustenta a comunidade.

O quinto dia foi marcado pela presença da Pastoral Familiar e do Encontro de Casais com Cristo, que reacenderam o dom do amor e reafirmaram que a família é o primeiro



espaço de evangelização. No sexto dia, o Apostolado da Oração, as Mães Adoradoras, as Mães Mônica, o Grupo Hessed e a Renovação Carismática Católica testemunharam que a oração perseverante é fonte de vida, força e comunhão. O sétimo dia reuniu a Pastoral do Batismo, a Catequese, as Oficinas de Oração e Vida e as Diaconias, num encontro em torno da Palavra de Deus, que é luz para o caminho e lâmpada para os passos da comunidade.

No oitavo dia, os Ministros da Eucaristia e o Grupo de Adoradores mostraram que servir no altar e permanecer diante do Santíssimo é fazer da própria vida uma oferenda. O nono dia foi ocasião para celebrar a vocação como dom e esperança da Igreja, conduzido pela Pastoral Vocacional e pelos Leigos Estigmatinos, recordando o nascimento de São Gaspar Bertoni e seu testemunho de fé, caridade e serviço.

As pastorais sociais conduziram o décimo dia — Pastoral de Rua, Dom de Amar, Banho Solidário, Projeto Menino Jesus e Vicentinos — mostrando que o Evangelho se traduz em obras e que a esperança se faz concreta no serviço aos irmãos. O décimo primeiro dia foi vivido com entusiasmo pela juventude da paróquia: o Segue-me, o Alegria do Evangelho e o Cristo Alegria mostraram que os jovens são o agora de Deus e o rosto alegre de uma Igreja que se renova.



O dia 12 de outubro, dedicado à Padroeira do Brasil, foi o ponto alto da celebração. A igreja, ornamentada com sobriedade e ternura, refletia a fé do povo que, de coração aberto, elevou sua prece à Mãe Aparecida. Na missa solene, a comunidade se uniu para renovar o seu “sim” e escutar novamente o convite de Maria: “Fazei tudo o que Ele vos disser.”

O décimo terceiro dia foi conduzido pelo Ministério dos Coroinhas e Acólitos, que lembraram que servir é uma forma de amar e evangelizar. O décimo quarto dia uniu o Terço dos Homens e o Grupo Encontro com Maria, que, em oração, revelaram que o rosário é caminho de perseverança e escola de fé. O décimo quinto dia foi conduzido pelo Conselho Pastoral Paroquial, que testemunhou a comunhão e a corresponsabilidade como sinais de maturidade e de unidade na fé. E, finalmente, o dia 16 de outubro foi consagrado à memória de Santa Edwiges, padroeira dos endividados e amiga dos pobres, cuja vida de oração e caridade continua a inspirar confiança e solidariedade entre os fiéis.

Ao longo desses dias, cada pastoral, movimento e projeto tornou-se expressão viva da esperança que sustenta a Igreja. As missas, procissões, cantos, testemunhos e confraternizações revelaram uma comunidade que, mesmo entre desafios, continua acreditando no Evangelho. A força desta festa não terminou com o encerramento das celebrações. Ela permanece viva na vida das pastorais, na comunhão que sustenta a paróquia e na presença evangelizadora que a comunidade exerce na cidade de Goiânia.

A experiência da festa trouxe frutos espirituais e pastorais profundos. A comunidade se manteve unida, consciente de sua vocação missionária e de seu papel de testemunhar o Evangelho com gestos concretos de solidariedade e de fé. O espírito fraterno vivido em cada noite tornou-se impulso para a evangelização e a comunhão. A festa ensinou que



a fé se torna plena quando se transforma em serviço, em partilha e em esperança.

Ela também nos deixa lições e desafios. O primeiro é não permitir que a emoção se perca com o tempo, mas transformá-la em perseverança e conversão. O segundo é fortalecer a comunhão e a corresponsabilidade, para que a mesma força que sustentou a festa continue impulsionando a vida pastoral. E o terceiro é viver a fé como presença concreta no coração da cidade, tornando nossa paróquia sinal visível da ternura de Deus.

A celebração chegou ao fim, mas a comunidade permanece fortalecida, com o ânimo refeito e o coração disposto a continuar a missão. Cada gesto de serviço, cada canto, cada oração se tornaram sementes de um novo tempo, porque a esperança — essa que vem de Deus — permanece viva entre nós. Que Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges continuem a abençoar nossa comunidade, fazendo de cada um de nós sinais concretos do amor de Deus no mundo.



O SETOR NOVA SUÍÇA CELEBRA SUAS PADROEIRAS, SINAIS DE ESPERANÇA PARA O NOSSO TEMPO

O dia 12 de outubro amanheceu como uma prece que subia do coração do povo. A paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges despertou em festa, vestida de flores, fé e gratidão. Desde cedo, os fiéis se aproximavam do templo com velas nas mãos e esperança nos olhos. O som dos sinos parecia repetir a antiga certeza de que Maria continua presente, intercedendo por seus filhos e filhas com o mesmo amor com que acolheu João aos pés da cruz.



A missa solene das onze horas foi presidida por Dom João Justino de Medeiros Silva, arcebispo metropolitano de Goiânia. Sua presença serena e paternal conferiu à celebração uma dimensão profunda de comunhão e de escuta. Na homilia, o arcebispo conduziu a assembleia a contemplar a presença catequética e materna de Maria no início da Igreja. Recordando as Bodas de Caná, fez ver que a Mãe de Jesus é a primeira catequista, aquela que nos ensina o caminho

da obediência da fé. Quando diz aos serventes “Fazei tudo o que Ele vos disser”, Maria abre o coração da Igreja ao discipulado. A fé, disse Dom João Justino, nasce quando escutamos o Filho e deixamos que sua palavra transforme nossa vida.

Dirigindo-se aos que colaboraram na festa, o arcebispo convidou todos a viver o mesmo espírito de Maria, servindo com amor e constância, fazendo da dedicação silenciosa uma catequese viva. Lembrou ainda a inspiração do Papa Francisco, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, quando apresentou as Lições de Aparecida. Nelas, o Papa recorda que Deus, em Aparecida, ofereceu ao Brasil a sua própria Mãe e ensinou à Igreja a gramática da simplicidade e a criatividade do amor. Assim, a imagem saída das águas se torna sinal da presença de Deus que reconcilia e renova, chamando a Igreja a ser casa acolhedora, instrumento de unidade e caminho de esperança.





A paróquia, reunida sob o olhar das suas padroeiras, sentiu-se parte viva desse mesmo ensinamento. Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges são, para esta comunidade, sinais de uma fé que se faz concreta, de uma esperança que permanece, de uma caridade que floresce no cotidiano. Maria ensina a escutar; Edwiges ensina a servir. Juntas, conduzem a comunidade a viver o Evangelho com ternura e coragem. À tarde, quando a procissão se formava para percorrer as ruas do Setor Nova Suíça, o céu se encheu de nuvens. A chuva desabou forte, como uma bênção derramada sobre o povo. Mesmo sob o aguaceiro, as imagens das padroeiras seguiram em meio a cantos e orações. Homens e mulheres, jovens e crianças caminhavam sob a água como quem atravessa um batismo coletivo. A fé, ali, não se recolheu; permaneceu firme e visível.

Ao retornarem à igreja, todos estavam molhados pela chuva, mas com o coração aquecido pela fé. A missa teve início, e, ao cair de nova chuva, a celebração foi transferida para o interior do templo. O espaço sagrado tornou-se ainda mais íntimo e acolhedor. Cada rosto parecia carregar o brilho da perseverança. No final da celebração, as irmãs Teresinha Cunha e Ana de Fátima Cunha realizaram, com ternura e emoção, a coroação de Nossa Senhora Aparecida, gesto que selou o dia com beleza e devoção. Quando o último canto se elevou, uma queima de fogos iluminou o céu de Goiânia, como se a própria cidade se unisse à comunidade para proclamar: Maria é Rainha e Mãe, presença fiel que conduz ao seu Filho.



O dia 16 de outubro, dedicado a Santa Edwiges, encerrou a festa com a mesma fé que marcou todo o percurso. Foram seis missas ao longo do dia, todas repletas de fiéis vindos de diversos lugares. Muitos trouxeram intenções, promessas e agradecimentos. Outros vieram em silêncio, apenas para rezar e se recolher aos pés da Santa. O templo se tornou um lugar de consolo e de esperança. A cada celebração, repetia-se o mesmo clima de confiança, como se a caridade de Edwiges, amiga dos pobres e dos endividados, continuasse a ressoar em cada coração.



Esses dois dias formaram o coração espiritual da festa. No 12 de outubro, o povo olhou para Maria e aprendeu novamente a lição da escuta e da confiança. No 16, voltou-se para Edwiges e reencontrou a força da caridade e da fidelidade cotidiana. A fé foi celebrada, partilhada e renovada.

Sob o olhar materno de Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, a paróquia reencontrou o sentido do seu tema: ser sinal de esperança para o nosso tempo. A esperança que nasce da fé e se expressa no amor; a esperança que se manifesta nas mãos que servem, nos rostos que perseveram, nos corações que acreditam. Toda vez que Santa Edwiges é lembrada, renasce em nós o chamado à solidariedade, à atenção aos mais pobres, à compaixão que se faz concreta. E toda vez que Maria é lembrada, o coração se abre novamente à fé, à escuta e à confiança em Deus. Essa é a esperança que não se apaga — a esperança que floresce, que se renova, que transforma. É a esperança de um povo que caminha sob o olhar das suas padroeiras, sustentado pela fé, guiado pela caridade e iluminado pelo amor do Senhor.



JOVENS GUARDIÕES DA CRIAÇÃO PARTICIPAM DO DIA NACIONAL DA JUVENTUDE

No domingo, 19 de outubro de 2025, o Ginásio Rio Vermelho, no centro de Goiânia, tornou-se ponto de encontro de cerca de quatro mil jovens vindos de várias paróquias e comunidades da Arquidiocese de Goiânia. Entre eles, destacou-se o grupo de quase cinquenta jovens da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, que participou com entusiasmo e espírito de comunhão do Dia Nacional da Juventude (DNJ), celebrado em todo o país.



Criado em 1985 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em sintonia com o Ano Internacional da Juventude proclamado pela ONU, o DNJ nasceu para oferecer à juventude católica um espaço de escuta, convivência e compromisso missionário. Desde então, tem se afirmado como um momento privilegiado de celebração da fé, de reflexão sobre os desafios do tempo presente e de estímulo ao protagonismo juvenil na Igreja e na sociedade.



A Celebração Eucarística de abertura, às 9 horas da manhã, foi presidida por Dom João Justino de Medeiros Silva, Arcebispo Metropolitano de Goiânia, e concelebrada por diversos sacerdotes e assessores do Setor Juventude. Em sua homilia, Dom João Justino recordou que a juventude é portadora de uma sensibilidade própria diante da vida e da criação, e que a fé cristã, quando bem vivida, desperta um olhar contemplativo e responsável diante da natureza. “O jovem que crê não consome o mundo — cuida dele, preserva e transforma”, disse o arcebispo, convidando cada um a unir espiritualidade e compromisso.

Com o tema “Juventude e Ecologia Integral – Jovens, guardiões da Criação”, o DNJ propôs uma reflexão profundamente atual: reconhecer o meio ambiente como dom de Deus e expressão de sua ternura. Inspirados na encíclica



Laudato Si’, o Papa Francisco — que tanto insistiu sobre o cuidado com a Casa Comum — lembrava que “não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental”. Essa visão ecoou no coração dos jovens, que compreenderam que a fé os chama também a uma ecologia do coração, feita de relações humanas saudáveis e de cuidado mútuo.

Durante todo o dia, o ginásio foi espaço de formação, arte, reflexão e convivência. Os jovens participaram de painéis temáticos, momentos de oração guiada, apresentações culturais e partilhas que mostraram a pluralidade da juventude católica. Em um clima sereno e fraterno, aprofundaram a compreensão de que evangelizar hoje implica promover uma cultura do encontro, da solidariedade e da responsabilidade ambiental.

A presença da juventude da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges expressou o desejo de participar ativamente da vida da Igreja, oferecendo alegria, criatividade e disponibilidade. Ao retornarem à comunidade, os jovens trouxeram consigo não apenas recordações, mas um compromisso missionário: traduzir, em gestos concretos, o amor à criação e o serviço aos irmãos, especialmente aos mais vulneráveis.

O Dia Nacional da Juventude foi, para todos, uma experiência de fé madura e compromisso real. Longe de qualquer euforia passageira, o encontro reafirmou a importância de cultivar uma espiritualidade enraizada na escuta da Palavra e no cuidado da vida. Os jovens demonstraram que são, de fato, guardiões da criação, chamados a viver a esperança cristã como serviço e testemunho no mundo.

Que esse espírito de missão continue a florescer na paróquia e inspire outros jovens a seguir o mesmo caminho: cuidar da natureza, promover a paz, e anunciar, com a própria vida, que o Evangelho é boa-nova também para toda a criação.



CONSAGRAR-SE A MARIA É DEIXAR-SE CONDUZIR PELA VONTADE DE DEUS

No dia 19 de outubro teve início, em nossa paróquia, o tempo de preparação para a Consagração à Nossa Senhora segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort. A formação está sendo conduzida pela Sra. Karla Pedro, que acompanhará o grupo até o dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição de Maria, quando os participantes farão solenemente a sua consagração.



Mais do que um curso, este caminho é uma experiência espiritual que conduz à entrega total a Jesus pelas mãos de Maria. O método proposto por São Luís de Montfort nasceu de uma profunda compreensão do mistério da Encarnação. Maria, escolhida por Deus para ser a Mãe do Salvador, foi também a primeira discípula, a mulher que escutou a Palavra, acreditou nela e a colocou em prática. Sua presença silenciosa e fiel acompanhou toda a vida de Jesus e sustentou a Igreja nascente nos primeiros passos da fé.

Nos Evangelhos, Maria aparece como aquela que aponta o caminho para o Filho. Em Caná da Galileia, ao perceber a necessidade dos esposos, ela intercede e diz aos servos: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Nessa breve frase se revela toda a essência da verdadeira devoção mariana. Consagrar-se a Nossa Senhora é aprender a escutar essa voz materna, é deixar-se conduzir por ela até a vontade de Deus, é fazer da própria vida um espaço onde o Cristo possa habitar e agir. O itinerário da consagração propõe um processo de trinta dias de oração e reflexão, com base no Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem, obra que sintetiza o pensamento de São Luís. Trata-se de um tempo de purificação interior, de conhecimento de si mesmo, de amor a Jesus Cristo e de profunda união com Maria. O exercício diário da oração e das meditações fortalece o coração e o conduz a um ato de fé mais consciente, livre e maduro.



A consagração, no entanto, não é apenas um gesto devocional. É um compromisso espiritual que se traduz em vida. Quem se consagra se coloca a serviço, ama a Igreja, participa com alegria de suas pastorais e colabora com generosidade nas diversas iniciativas da comunidade. O consagrado é

chamado a evangelizar com o exemplo, a levar a ternura de Maria aos ambientes onde vive e a assumir, com fidelidade e entrega, as responsabilidades que a paróquia confia a cada um. É um compromisso afetivo e efetivo, que se manifesta na oração, no testemunho e na solidariedade concreta, tornando visível, no cotidiano, o amor à Mãe de Deus e à Igreja de seu Filho.

Para ser consagrado é necessário desejar a santidade, cultivar a vida de oração, participar dos sacramentos e buscar viver em estado de graça. É preciso compreender o método proposto por São Luís Maria Grignion de Montfort e decidir-se a entregar inteiramente a própria vida a Jesus por meio de Maria. A consagração é, portanto, uma escolha de amor e de confiança, uma forma de dizer com o coração: “Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria por Jesus”.

A presença de Maria na vida cristã é maternal e pedagógica. Ela nos ensina a ser discípulos fiéis e nos ajuda a compreender que o seguimento de Jesus passa pelo serviço, pela humildade e pela obediência à vontade de Deus. Em cada consagrado, Maria deseja formar outro Cristo, moldar corações doces, generosos e disponíveis ao Reino.

Nossa paróquia se alegra com este grupo que inicia o caminho da consagração. A intenção é que, a partir dele, surja um grupo mariano permanente, devoto e comprometido com a vida paroquial, especialmente nas celebrações e nas festas de Nossa Senhora Aparecida. Aos poucos, este grupo poderá se tornar uma presença orante e servidora, cultivando momentos de espiritualidade, de partilha e de recolhimento, mantendo viva a chama da devoção e do amor à Mãe de Deus.

Consagrar-se a Nossa Senhora é abrir-se à graça, é permitir que Maria nos ensine a amar Jesus com o mesmo amor com que O amou. É deixar-se conduzir por aquela que acreditou antes de ver, que permaneceu firme aos pés da cruz e que continua a nos acompanhar com ternura materna.

Quem se entrega a Maria encontra o caminho mais seguro para o coração de Jesus. E, caminhando com ela, aprende que toda consagração verdadeira se manifesta em obras de fé, em gestos de caridade e na alegria de servir à Igreja com perseverança e amor.



ALEGRIA PARTILHADA NA FESTA EM LOUVOR A NOSSA SENHORA APARECIDA E SANTA EDWIGES

De 10 a 19 de outubro, a comunidade da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges viveu com alegria e gratidão os dias da parte social da festa em louvor às suas padroeiras. A Tenda das Padroeiras tornou-se um verdadeiro espaço de convivência, onde a fé se misturava ao som das conversas, às cores das ornamentações e ao suave aroma das comidas preparadas com tanto carinho. Era a comunidade inteira reunida, celebrando não apenas um evento, mas o próprio sentido de ser Igreja: um povo que crê, serve e se alegra junto.



As barraquinhas, montadas e decoradas com esmero, deram vida e cor à festa. Voluntários de diferentes pastorais e movimentos se uniram para oferecer o melhor de si. Em meio aos sabores da galinhada, dos espetinhos, dos pastéis, das pamonhas, dos biscoitos fritos, da tapioca, do cachorro-quente, dos caldos, das delícias do milho, das tortas e doces caseiros, além de sucos e refrigerantes, percebia-se algo maior do que o simples prazer de saborear: era o gosto da partilha e da solidariedade, que alimentam a alma antes mesmo do corpo.



Entre as barracas, o riso das crianças dava um toque especial à festa. A pescaria e outras atividades lúdicas foram preparadas com carinho, tornando o ambiente leve e familiar. Ali, nas brincadeiras simples e nas pequenas conquistas de cada prêmio, as crianças viviam a alegria que vem do encontro e do convívio. E, ao vê-las brincar, muitos adultos se recordavam do tempo da infância, quando a fé se aprendia também no quintal, entre vizinhos e amigos, no calor humano das festas paroquiais.

À medida que as noites passavam, o pátio se transformava num grande espaço de comunhão. Famílias, jovens e idosos se encontravam para partilhar histórias, risadas e o sabor



da convivência. O trabalho silencioso de tantos voluntários — uns servindo nas barracas, outros cuidando da limpeza, outros zelando pela estrutura e pela ordem — fazia brilhar a beleza do serviço despretensioso. Tudo era feito com simplicidade e alegria, na certeza de que servir é também uma forma de evangelizar.

A cada dia, notava-se o envolvimento crescente da comunidade. Havia quem chegasse para ajudar após o expediente, quem doasse ingredientes, quem emprestasse tempo e força. O esforço coletivo transformou a festa num verdadeiro testemunho de comunhão e corresponsabilidade. Cada sorriso, cada gesto e cada palavra tornaram-se expressão concreta do amor que une e sustenta a vida paroquial.

Quando as luzes se apagaram e o último dia chegou ao fim, o sentimento que permanecia era de profunda gratidão. Gratidão aos que trabalharam, aos que participaram, aos que acreditaram. Gratidão às famílias que prepararam, às mãos que serviram e aos corações que se abriram para acolher. Nada foi pequeno, porque tudo foi feito com amor.



A Festa em Louvor a Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges revelou, mais uma vez, que a fé se fortalece quando se torna encontro. Celebrar é evangelizar. E quando a comunidade se reúne, com humildade e alegria, a festa se transforma em expressão viva do Evangelho, que continua a gerar comunhão e esperança no coração do povo.

Que Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges abençoem cada voluntário, cada família e cada criança que deu vida a esses dias de festa. Que continuem inspirando a comunidade a caminhar unida, a servir com generosidade e a transformar o simples em sagrado — porque, quando o amor é partilhado, a própria vida se torna celebração.

A IGREJA AO LONGO DOS SÉCULOS E O CHAMADO DE PERMANECER FIEL AO EVANGELHO



Na noite de 20 de outubro, das 20h às 21h30, no auditório do Centro Pastoral Santa Edwiges, realizou-se o primeiro encontro do ciclo formativo História da Igreja,

dentro da Formação Permanente de Catequistas. A assessoria foi conduzida pelo historiador Reinaldo Barbosa Lima, ministro extraordinário da Sagrada Comunhão e presidente da Associação Polivalente São José. O encontro, embora pensado para os catequistas, foi aberto à comunidade paroquial e ofereceu a todos um momento de reflexão sobre o caminho percorrido pela Igreja ao longo dos séculos e sobre o valor de conhecer as suas origens.

Estudar a história da Igreja é uma forma de compreender a ação do Espírito Santo que a conduz através do tempo. A Igreja não é apenas uma instituição, mas uma comunidade viva que nasceu do coração de Cristo e permanece fiel à sua missão de anunciar o Evangelho. Conhecer o seu percurso é descobrir como a fé se traduziu em testemunho, em oração e em serviço, revelando um amor que resiste às mudanças da história e se renova com o tempo.



Os primeiros séculos do cristianismo foram marcados pelo fervor das comunidades, pela coragem dos mártires e pela sabedoria dos Padres da Igreja. Em meio às perseguições, surgiram os grandes textos que moldaram a fé e a vida cristã, expressando a força do testemunho e o desejo de conservar intacto o anúncio de Cristo. Foi um período de fundação e de fidelidade, em que a fé cresceu mesmo entre dificuldades e incertezas.

Com o passar dos séculos, a Igreja se expandiu, assumiu novas formas e tornou-se parte da cultura dos povos. A Idade Média foi tempo de edificação espiritual e de criação artística, em que catedrais, mosteiros, universidades e obras de caridade se tornaram expressões da presença de Deus no coração da sociedade. A fé inspirou o pensamento, a arte e a vida comunitária, revelando que o Evangelho pode fecundar todas as dimensões da existência humana.

O mundo moderno trouxe profundas transformações. As novas ideias, as descobertas científicas e o surgimento de novas formas de organização social desafiaram a Igreja a discernir caminhos e a redescobrir o essencial de sua missão. Nesse contexto, a Igreja buscou responder com fidelidade

e coragem, mantendo a sua identidade e renovando a sua presença no meio do mundo. Foram tempos de diálogo e de busca, em que o Evangelho precisou encontrar novas linguagens para se fazer compreendido.

O século XX representou uma renovação profunda. A realização do Concílio Vaticano II abriu horizontes para uma Igreja mais participativa, mais atenta aos sinais dos tempos e mais próxima das alegrias e sofrimentos da humanidade. Revalorizou-se a centralidade da Palavra de Deus, a vocação de todos os batizados e a dimensão comunitária da fé. Desde então, a Igreja tem procurado ser sinal de comunhão, capaz de escutar e de caminhar junto com a humanidade, oferecendo-lhe a esperança que nasce do Evangelho.

Em tempos mais recentes, a Igreja é chamada a fortalecer o seu testemunho com renovado ardor missionário e espírito de comunhão. A escuta mútua, o serviço aos mais frágeis, a proximidade com as realidades humanas e o diálogo com a sociedade são expressões de uma Igreja que quer ser presença misericordiosa e fiel, aberta à ação do Espírito e comprometida com o cuidado da vida em todas as suas etapas. A formação sobre a história da Igreja é, portanto, um exercício de fé, de memória e de esperança. Ao revisitarmos as páginas do passado, descobrimos que a fidelidade de tantas gerações sustenta o caminho atual. Aprendemos que, apesar das limitações humanas, Deus nunca deixou de conduzir o seu povo. E compreendemos que a história da Igreja é, ao mesmo tempo, história de santidade e de conversão contínua. Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, este primeiro encontro inaugura um itinerário de formação e de comunhão. É um convite a olhar com gratidão para o passado, a viver com fé o presente e a construir o futuro com esperança. Conhecer a história da Igreja é conhecer a nossa própria história, é descobrir que cada tempo é tempo de graça e que cada comunidade é chamada a renovar o Evangelho na vida e na missão.

Estudar a história da Igreja é fortalecer a fé e compreender que o mesmo Espírito que agiu nos apóstolos continua a agir hoje. É reconhecer que, em cada época, a Igreja é convidada a recomeçar, a escutar, a servir e a amar. E, sobretudo, é recordar que, sustentada pela promessa de Cristo, ela continua a ser sinal do amor de Deus no coração do mundo, fiel à missão de anunciar a verdade que liberta e a esperança que não passa.



A VIDA É DOM SAGRADO, COMPROMISSO QUE NASCE DA FÉ

A Igreja proclama, desde os seus primórdios, que toda vida humana é dom de Deus e merece respeito em todas as suas etapas. A recente Nota da Presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, intitulada Em defesa da vida e da dignidade humana, reafirmou esse princípio diante das ações em julgamento no Supremo Tribunal Federal que tratam da vida nascente e do aborto. Nela, os bispos recordaram que a vida deve ser acolhida, respeitada e protegida desde a concepção até o seu fim natural, e que nenhuma circunstância pode justificar a sua supressão.

O documento não se limitou a um posicionamento doutrinal. Foi um apelo à consciência de cada pessoa e um convite à responsabilidade coletiva. Ao recordar que a defesa da vida nasce da fé e da razão, a CNBB mostrou que se trata de uma questão de humanidade antes de ser uma questão de religião. São João Paulo II já ensinava que o homem é chamado a servir à vida e jamais a dominá-la. Por isso, toda forma de indiferença diante da dor humana é uma forma de negar a própria dignidade.

O Papa Francisco, em seu magistério, repetiu muitas vezes que nenhuma vida é mais sagrada do que outra. Todas são igualmente preciosas aos olhos de Deus. Ensinava que defender a vida significa criar uma cultura do cuidado

em oposição à cultura do descarte. Cuidar é acompanhar, proteger, sustentar e amar. É um caminho que começa no ventre materno e se prolonga até o último instante de cada existência. A *Gaudium et Spes* recorda que a vida, uma vez concebida, deve ser protegida com o máximo cuidado, e esse chamado se estende a todas as etapas da jornada humana.

A partir dessa palavra dos nossos pastores, a comunidade paroquial é convidada a renovar sua fidelidade ao Evangelho da vida. Cada gesto de caridade, cada visita, cada atenção aos enfermos, às gestantes, aos idosos e às crianças é uma forma concreta de proclamar que a vida é sagrada. Na Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, cuidar da vida é acolher com ternura, promover a dignidade de cada pessoa e acompanhar com fé o ciclo completo da existência humana, do nascer ao morrer, como expressão da esperança cristã.

O compromisso que brota dessa nota é o de viver o Evangelho da vida em todas as dimensões pastorais. É unir oração e ação, fé e serviço, anúncio e cuidado. É ser presença profética que anuncia o Deus da vida e se coloca ao lado dos que mais sofrem. Assim, fortalecidos pela fé e iluminados pela palavra da Igreja, reafirmamos que toda vida é dom, e cuidar dela, até o seu fim natural, é uma missão que nasce do coração de Deus e se traduz em gestos de amor e esperança.



A PRESENÇA QUE TRANSFORMA A VIDA DE QUEM SERVE E DE QUEM É SERVIDO

A Associação Polivalente São José é uma expressão viva da caridade que nasce da fé. Fundada em 30 de setembro de 2010 e reconhecida como de utilidade pública municipal e estadual, ela é um espaço onde a solidariedade se torna prática diária e a comunhão se traduz em serviço. Ligada à Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, a Associação realiza sua missão inspirada no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja, oferecendo oportunidades de formação, convivência e promoção humana a crianças, jovens, adultos e idosos.



Durante o mês de outubro, a Associação viveu um período intenso de atividades e encontros que revelaram o dinamismo e a vitalidade de seu trabalho social. O início do mês foi marcado pela reunião da Diretoria Executiva e dos colaboradores, ocasião em que se reafirmou o compromisso de caminhar juntos com responsabilidade e espírito comunitário. No dia seguinte, o Grupo Maná promoveu a palestra “Fui paciente. Hoje sou voz”, conduzida pela psicoterapeuta Kalyne de Lima Lucena Torres, que, com sensibilidade e coragem, falou sobre o enfrentamento do câncer e o valor da vida.

No dia 3, a Paróquia e a Associação se uniram em torno do altar durante a Festa das Padroeiras, Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges, elevando a Deus a gratidão pelo trabalho realizado. O gesto, simples e profundo, recordou que



toda obra social da Igreja brota da Eucaristia e volta a ela como gesto de louvor. Nesse mesmo período, a Orquestra Sinfônica Profetas do Cerrado — projeto cultural mantido pela APSJ — realizou apresentações no Rezidense Hotelaria para Idosos e no Colégio Salesiano Ateneu Dom Bosco, levando música e esperança a públicos diferentes, mas igualmente sedentos de beleza e alegria.

O Grupo Vivendo a Melhor Idade também foi protagonista de momentos marcantes. No dia 3, promoveu uma roda de conversa sobre os direitos da pessoa idosa com a Irmã Waldeci Maria Jacinto Mota, presidente do Conselho Municipal do Idoso de Goiânia. O encontro foi um tempo de aprendizado e partilha, em que se reafirmou o valor da experiência e a importância de envelhecer com dignidade e fé.

As crianças também foram acolhidas com carinho no dia 8, em uma manhã festiva organizada pelo BOPE/BPMGO e pelo Grupo Profetas do Cerrado. Brincadeiras, música e alegria preencheram o espaço da Associação, lembrando que cuidar da infância é semear o futuro. No dia 14, o Grupo da Melhor Idade participou de um passeio ao Cine Cultura, assistindo ao filme O Último Azul, momento de convivência que uniu arte, memória e amizade.

O dia 15 trouxe duas experiências marcantes. Pela manhã, os colaboradores e educadores celebraram o Dia dos Professores em um encontro fraterno de reconhecimento e gratidão. À tarde, a psicóloga Nádia Gomides conduziu



uma palestra sobre prevenção do câncer de mama, dentro do Programa Saúde Materna. A educadora Eveline, professora de violino da APSJ, partilhou seu testemunho de fé e superação em meio ao tratamento, tocando profundamente todos os presentes.

Mais adiante, no dia 23, a Associação celebrou o encerramento do curso de Modelagem Básica para Vestuário, oferecido pelo Senac em parceria com o projeto Moradia e Cidadania e o Lar de Jesus. A formação gratuita abriu

novas perspectivas de trabalho e mostrou como a capacitação profissional pode ser instrumento de dignidade e transformação. E, encerrando o mês, o Grupo Vivendo a Melhor Idade promoveu a palestra “Envelhecimento ativo e qualidade de vida”, com a analista comportamental Tainah Martins Ferreira, reforçando que a vida é dom que deve ser cultivado em todas as idades.

Em cada atividade, em cada gesto, a presença da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges se faz sentir de modo discreto e fecundo. Ela inspira, sustenta e dá sentido à missão da Associação Polivalente São José. O vínculo entre ambas não é apenas institucional, mas espiritual: é comunhão de propósitos, é testemunho de um mesmo Evangelho vivido na simplicidade do cotidiano. A paróquia encontra na Associação o prolongamento de sua ação pastoral, e a Associação encontra na paróquia o coração que a anima e lhe confere identidade cristã.

Assim, outubro foi mais do que um mês de atividades. Foi um tempo de graça, em que a fé se fez presença e a presença se tornou transformação. Em cada pessoa atendida, em cada voluntário que serviu, em cada gesto de cuidado e ternura, renovou-se o milagre do amor que, silenciosamente, transforma a vida de quem serve e de quem é servido.



FAMÍLIA, UM EVANGELHO QUE SE FAZ VIDA

O dia 28 de outubro foi marcado por um belo momento de fé e convivência comunitária em nossa paróquia. No Centro Pastoral Santa Edwiges realizou-se mais uma edição da Encontreia, o encontro mensal de evangelização e oração pelas famílias, promovido pelo Encontro de Casais com Cristo, o ECC. Casais de diferentes etapas da caminhada reuniram-se para rezar, refletir e celebrar o dom da vida familiar, fortalecendo os laços de fé que sustentam a missão da Igreja.

O encontro foi assessorado por Mari Rocha, leiga missionária e evangelizadora, que conduziu uma reflexão profunda sobre a vocação da família e sua importância na missão da Igreja. Com palavras simples e tocantes, ela recordou que ser família é muito mais do que conviver sob o mesmo teto. É viver a fé no cotidiano, cuidar uns dos outros, aprender a escutar e a recomeçar sempre. O lar é o primeiro espaço onde o Evangelho se torna vida concreta, revelado nos gestos de amor, perdão, paciência e doação.

Durante a Encontreia, os casais compartilharam experiências de fé e esperança, narrando como a oração em família e a confiança em Deus transformam as dificuldades em oportunidades de crescimento. Foram testemunhos que revelaram a beleza da fé quando ela é sustentada pelo amor conjugal e pela graça de Deus que age nas fragilidades humanas, renovando corações e fortalecendo os vínculos.



A família cristã é missionária por essência, porque foi criada à imagem de um Deus que é comunhão. Cada lar é chamado a ser um sinal vivo desse amor divino, irradiando luz e esperança no mundo. A missão familiar não se realiza apenas em grandes iniciativas, mas nos gestos diários que revelam o amor de Deus: uma palavra que consola, um perdão oferecido, uma mesa partilhada, uma escuta atenta. É nesse cotidiano simples e silencioso que o Evangelho se torna vida e o amor se torna presença transformadora.



Quando a família reza unida e se coloca a serviço, ela se torna uma verdadeira igreja em saída, levando conforto a quem sofre e esperança a quem perdeu o sentido da vida. A missão familiar não se limita ao lar, mas se estende à comunidade e à sociedade, tornando-se um testemunho visível de que a fé cristã é um dom que se comunica. Cada casal é chamado a anunciar o Evangelho com a vida, a perseverar nas promessas feitas diante de Deus e a deixar que o amor vivido se transforme em serviço aos outros.

A Encontreia foi um tempo de graça e de renovação espiritual. Em meio a um mundo que relativiza valores e enfraquece os vínculos, os casais que se reúnem para rezar e escutar a Palavra afirmam, com sua vida, que o amor é uma vocação e uma missão. Evangelizar como família é permitir que o amor se torne força de transformação e fonte de

comunhão, fazendo do lar um espaço de fé e esperança, onde o Espírito Santo continua a agir e a renovar a vida.

A família é o lugar onde a fé ganha rosto humano e o Evangelho se faz presença cotidiana. Quando o lar se abre à oração e à partilha, a Igreja se fortalece e o mundo se renova. Que cada casal continue a cultivar o espírito missionário, tornando-se testemunha viva do amor de Deus e sinal de esperança no meio do povo. Porque toda família que crê e ama é, por si mesma, um evangelho que se faz vida.



ENTRE A MESA DA PALAVRA E A MESA DA EUCHARISTIA NASCE A COMUNHÃO

A liturgia é o coração da vida da Igreja, o lugar onde a fé se faz celebração e a presença de Cristo se torna alimento para o povo de Deus. Nela, os fiéis se reúnem em torno de duas mesas inseparáveis — a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia — das quais se nutrem e se fortalecem. Inspirada por essa compreensão, a Pastoral da Liturgia da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges realizou, no dia 28 de outubro, um encontro de formação destinado a novos leitores e comentaristas, promovendo um aprofundamento teológico e prático sobre o serviço da Palavra nas celebrações eucarísticas.

A formação contou com dois momentos complementares. A primeira parte, de caráter teórico, aconteceu nas tendas e abordou o sentido espiritual da liturgia da Palavra, a postura diante do ambão, a importância dos gestos e o valor dos silêncios orantes. Em seguida, dentro da igreja, foi desenvolvida uma parte prática, em que se demonstraram os principais momentos da missa e o modo adequado de proclamar, movimentar-se e participar da celebração com atenção e reverência.



O encontro teve por objetivo oferecer um espaço de aprendizado e de integração entre os novos integrantes e aqueles que já atuam há mais tempo nesse ministério. Essa convivência formativa permitiu partilha de experiências e renovação do compromisso comum de servir com maior consciência e amor. A iniciativa insere-se num esforço permanente de formação, que vem sendo desenvolvido pela Pastoral da Liturgia para assegurar que todos os leitores e comentaristas estejam preparados não apenas tecnicamente, mas também espiritualmente.

Durante o encontro, recordou-se o ensinamento do Concílio Vaticano II na Sacrosanctum Concilium, que afirma: “Deus fala ao seu povo e Cristo continua a anunciar o Evangelho” (SC, n. 33). Essa frase expressa o núcleo da liturgia da Palavra: nela, Cristo mesmo fala à comunidade reunida, e a proclamação das leituras torna-se um ato de mediação entre a voz divina e o coração humano. Também foi evocada a Dei Verbum, que ensina que a Igreja “toma da mesa da Palavra de Deus e da mesa do Corpo de Cristo o pão da vida” (DV, n. 21). As duas mesas são distintas e, ao mesmo tempo, inseparáveis: uma conduz à outra, ambas formando um único mistério de comunhão.



A formação reforçou a consciência de que a liturgia da Palavra não é apenas introdução à Eucaristia, mas parte integrante do mesmo ato sagrado. A escuta do Verbo prepara o coração para o banquete eucarístico, e a comunhão no Corpo de Cristo fortalece a fé que nasce da Palavra proclamada. Por isso, o serviço do leitor é de natureza eminentemente espiritual e requer preparo interior, conhecimento bíblico e sensibilidade pastoral.

Na etapa prática, foram apresentados os procedimentos adequados à celebração, destacando a importância da sobriedade nos movimentos, da clareza na voz e do recolhimento que favorece a escuta da assembleia. O exercício permitiu aos participantes compreender o significado de cada momento e o valor de servir à Palavra com simplicidade e dignidade.

O cuidado com a formação contínua dos leitores e comentaristas revela a maturidade litúrgica da comunidade paróquial. Formar quem proclama a Palavra é garantir que a celebração seja expressão de beleza, reverência e comunhão.

O ensinamento do Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, também foi lembrado: “Quem lê na assembleia deve preparar-se com amor e dedicação; deve ser o primeiro a deixar-se tocar por essa Palavra que proclama” (VD, n. 58).

O encontro concluiu-se em clima de serenidade e gratidão. A formação reafirmou que servir à Palavra é também servir à própria Eucaristia, pois a escuta e a partilha se sustentam mutuamente. Entre a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia nasce a comunhão — comunhão que não é apenas gesto ritual, mas resposta viva ao Deus que fala e se oferece. Assim, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges segue fiel à missão de formar e acompanhar aqueles que ajudam a tornar a liturgia expressão de fé, unidade e beleza para toda a comunidade.



NO CORAÇÃO DO CRUCIFICADO, A NOSSA VOCAÇÃO

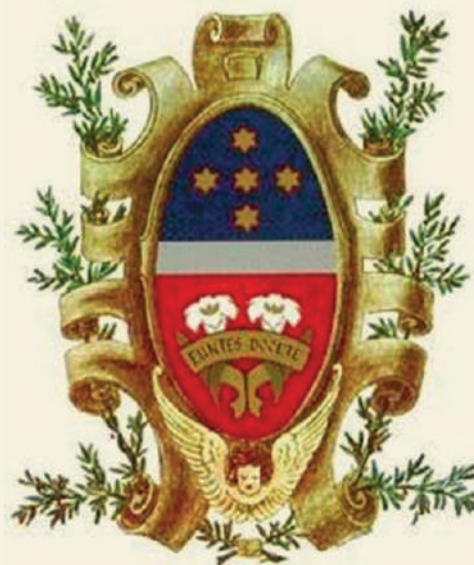


Celebrar duzentos e nove anos de fundação é voltar o olhar às origens para reencontrar o sentido da vocação. Em Verona, no coração ferido da Igreja e da sociedade do século XIX, São Gaspar Bertoni contemplou no Crucificado as fontes da missão. Diante das chagas de Cristo, descobriu o rosto compassivo de Deus e escutou o apelo silencioso do amor que envia e transforma. Dali nasceu a Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo - Estigmatinos, um pequeno grão de mostarda lançado na terra fecunda da esperança.

A inspiração do Fundador permanece viva. Ser Estigmatino é deixar-se plasmar pelas chagas de Cristo, para nelas encontrar o caminho da doação e do serviço. É contemplar o mistério da Cruz não como derrota, mas como escola de amor e fidelidade. O carisma estigmatino não se encerra no passado, mas renasce em cada tempo, quando a Igreja precisa de missionários disponíveis, dóceis ao Espírito, prontos a partir sem garantias, sustentados apenas pela confiança no Senhor.

O último Capítulo Geral recordou que a fidelidade ao carisma se traduz hoje em consagração profunda, fraternidade autêntica, missão profética, formação integral e economia iluminada pelo Evangelho, compreendida como expressão concreta da missão, sinal de comunhão, de responsabilidade e de cuidado fraterno. Em cada Estigmatino, a Congregação deseja renovar o sonho do Fundador, aquele sonho de oferecer à Igreja uma “esquadra de missionários apostólicos em auxílio aos bispos”, sempre abertos às necessidades do povo de Deus.

A história de duzentos e nove anos mostra que o Carisma se tornou vida. Padres, irmãos e leigos partilharam o mesmo ardor, cruzaram mares, fundaram comunidades, semearam fé, educação, caridade e esperança. Em terras distantes e nos pequenos gestos cotidianos, a semente de Bertoni continua germinando. Onde há dor, nasce consolação. Onde



há solidão, floresce comunhão. Onde há desânimo, o testemunho estigmatino reacende a esperança.

No dia 4 de novembro, celebramos não apenas um aniversário, mas uma herança espiritual que continua a gerar frutos. A Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo é memória que se faz presença e presença que aponta para a profecia. Ser Estigmatino é viver no coração da Igreja, entre a Cruz e a Ressurreição, entre a contemplação e a missão. É deixar que o amor ferido de Cristo cure as feridas do mundo.

Com gratidão por quem nos precedeu e com coragem para os novos caminhos, renovamos nossa entrega ao Senhor da história. Que os Santos Esposos, Maria Santíssima e São José, patronos da Congregação, e São Gaspar Bertoni nos mantenham fiéis ao chamado. Que cada Estigmatino, em qualquer parte do mundo, possa repetir com o Fundador a prece que resume toda a vocação estigmatina:

“Senhor, faça-se em mim a Vossa vontade, para a maior glória de Deus e o bem da Igreja.”

